

## **Virtudes e política: Bernardo de Clairvaux e Otto de Freising sobre *temperantia e moderatio.***

Lukas Gabriel Grzybowski<sup>1</sup>

Doutor em História pela Universitaet Hamburg

[lukasgg@gmail.com](mailto:lukasgg@gmail.com)

Enviado em: 31/07/2015

Aceito em: 06/11/2015

### **Resumo:**

O presente artigo aborda a relação entre o exercício das virtudes e o exercício político ideal. Dois autores foram selecionados, assim como duas virtudes. Bernardo de Clairvaux e Otto de Freising eram ambos cistercienses, mas atuaram em diferentes âmbitos político-sociais no século XII. Bernardo, abade de Clairvaux, junto ao Papado enquanto Otto, bispo de Freising, junto ao Império Romano. A partir da análise das epístolas de Bernardo e das histórias de Otto através de uma abordagem ligada à *Vorstellungsgeschichte*, o presente artigo propõe uma interpretação para os papéis da *temperantia* e da *moderatio* na realização de um governo ideal.

**Palavras-chave:** *virtudes políticas, Bernardo de Clairvaux, Otto de Freising.*

### **Abstract:**

The present article deals with the relationship between ideal forms of government and the exercise of virtues. Two authors and two virtues were selected for this analysis. Bernard of Clairvaux and Otto of Freising were both Cistercian monks, but acted in different political and social circles during their lives in the 12<sup>th</sup> century. Bernard, abbot of Clairvaux, was active dealing specially with the papacy while Otto, bishop of Freising, was mainly concerned with imperial matters. Through the analysis of Bernhard's letters and Otto's historical works based upon an approach linked to the *Vorstellungsgeschichte*, the present article proposes an interpretation for the roles of *temperantia* and of *moderatio* in attaining an ideal government.

**Keywords:** *political virtues, Bernard of Clairvaux, Otto of Freising*

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFPR, Doutor pela Universidade de Hamburgo, atualmente realiza estágio pós-doutoral na USP, com apoio da FAPESP.

## Introdução:

O século XII representa uma época de grandes transformações no contexto medieval, que atingem os mais diversos âmbitos da cultura e sociedade. Fala-se com propriedade desde ao menos o início do século XX e a publicação do clássico de Charles Homer Haskins em uma *Renaissance* no ápice da Alta Idade Média (Haskins, 1933). Em meio às renovações que se observam na literatura, na gramática latina, na filosofia, na jurisprudência, na historiografia, vivencia-se igualmente um renovado interesse pela política, especificamente pela teoria e ética políticas. O principal exemplo dessa tendência é sem dúvida o *Policraticus* de João de Salisbury.<sup>1</sup> Por outro lado, embora se coloque uma grande ênfase sobre o *Policraticus* como expoente do pensamento político no âmbito da *Renaissance*, poucas são as indicações de outras produções preocupadas igualmente com a matéria política. Em grande parte isso é devido ao diagnóstico apresentado com clareza por Walter Ullmann, mas que aponta para uma tendência geral em relação ao estudo do pensamento político medieval. Ullmann sugere que “no books, tracts, or pamphlets were written on those topics which have at all times formed the contents of political thought” (Ullmann, 1970, p. 14). Observa-se aqui a influência de categorias analíticas modernas definindo e restringindo o conteúdo do pensamento político da Idade Média, em uma postura marcadamente teleológica, situação que se torna ainda mais evidente considerando-se as reflexões que Ullmann acrescenta à afirmação supracitada. De maneira precisa ele aponta que

[...] foram os próprios governos [...] que, por suas medidas governamentais criaram, moldaram, e aplicaram as ideias políticas. O que quer que houvesse em doutrina política estava contida nas ações que os governos tomaram, e essas ações frequentemente não eram respostas às situações e desafios reais e concretos. O pensamento político na Idade Média inicial tem de ser extraído dos pronunciamentos oficiais dos respectivos governos, bem como do próprio processo histórico [...] A estreita integração entre as ideias de governo e os fatos do governo é uma característica que tem necessidade de uma ênfase particular.” (Ullmann, 1970, pp. 14–15)<sup>2</sup>

Tais reflexões implicam que o historiador moderno deve procurar os fundamentos do pensamento político nas próprias práticas políticas da Idade Média, refletidas nos diversos testemunhos que delas sobrevivem. Em outras palavras, para identificar, analisar

e compreender as ideias políticas do período medieval é necessário que o historiador moderno se aproxime ao problema a partir das categorias interpretativas do homem medieval em relação às realidades práticas nas quais está inserido. No adágio da historiografia tradicional seria necessário pensar como um homem medieval – um objetivo hoje sabidamente inalcançável.

Se pensar como um homem de outras épocas é algo impossível, compreender suas formas de pensar e interpretar o mundo não o é. Em torno de tal proposta se organiza o estudo da história das ideias, especialmente a partir de suas perspectivas estruturais e antropológicas. É aqui que a proposta do presente artigo se enquadra. Ele se propõe a analisar uma faceta do pensamento político do século XII, a partir da análise de obras de dois autores proeminentes em sua primeira metade: Bernardo de Clairvaux e Otto de Freising. A análise que se faz segue os pressupostos da *Vorstellungsgeschichte*, uma abordagem ligada à história das ideias, oriunda do contexto historiográfico germânico no último quartel do século XX. A *Vorstellungsgeschichte* se apresenta como terceira via para o conhecimento histórico, paralela à história factual e estrutural.

“Ela constitui ao mesmo tempo a tentativa, por um lado, de promover a expansão da ciência histórica a *todos* os homens e a todos os âmbitos da vida humana; ela também se propõe expandir à história das ideias e não mais conter-se somente na investigação dos grandes pensadores, mas analisar também o pensamento dos ‘autores medíocres’ enquanto testemunhas de sua época. Por outro lado ela aponta para o pensamento e o saber dos (ou de um) homens e compreende através da soma dos pensamentos, visões, opiniões, certezas e posturas, o posicionamento e capacidades intelectuais de modo geral” (Goetz, 2011, pp. 17–18).<sup>3</sup>

Assim, uma *Vorstellungsgeschichte* aparece como *um* caminho possível para a investigação do pensamento político na Idade Média, capaz de oferecer novas informações e perspectivas sobre um problema complexo ligado a formas de pensar e interpretar o mundo substancialmente diversas daquelas que marcam o contexto moderno, em que o historiador e seu público estão inseridos. A *Vorstellungsgeschichte* atenta para a dinâmica entre identidade e alteridade no processo de formação do conhecimento a respeito do passado, a fim de contribuir com um conhecimento adequado a respeito das relações do ser humano com sua experiência no tempo.

“Uma ‘*Vorstellungsgeschichte*’ não procura reconstruir o passado em sua facticidade, mas sim o passado enquanto ‘realidade trabalhada pelo sujeito [contemporâneo]’. Uma vez que ‘história’ é hoje cada vez mais definida como a imagem do passado relativa a cada presente, a *Vorstellungsgeschichte* lida, nesse sentido, de fato com ‘a história de tempos passados’” (Goetz, 2007, pp. 5–6).<sup>4</sup>

No presente artigo os pressupostos da *Vorstellungsgeschichte* orientam a análise do epistolário de Bernardo de Clairvaux e de ambas as obras historiográficas de Otto de Freising, a sua *Historia de duabus civitatibus* e suas *Gesta Friderici*, sempre em torno da questão do papel que o par *tempreantia-moderatio* desempenha no sistema ético-político apresentado por ambos os autores. Compreender o papel dessas virtudes dentro do pensamento de Bernardo e Otto abre novas perspectivas para a interpretação e o conhecimento adequado do pensamento político do século XII, ainda que se trate, nesse caso, de uma pequena parcela correspondente a apenas uma faceta do complexo quadro das ideias políticas medievais.

### **Bernardo de Clairvaux, Otto de Freising e suas obras:**

Bernardo<sup>5</sup>, nascido em 1090 como terceiro filho de uma família abastada de Fontaines, próximo a Dijon, na França atual, tornou-se figura central na primeira metade do século XII ao assumir *de facto* a liderança da jovem ordem monástica reformada de Cîteaux. Ainda criança, Bernardo foi educado no *trivium* e na língua latina. Não há certeza se essa educação previa uma carreira eclesiástica, ou se Bernardo, como seus irmãos, teria se dedicado ao saber para assumir uma posição como laico instruído a serviço da alta nobreza. De qualquer modo sua educação foi fundamental para o futuro desenvolvimento experimentado após sua conversão e a entrada para a ordem cisterciense. Bernardo se tornou monge em Cîteaux – naquele momento ainda chamado “novo mosteiro” – em 1112/13. Em 1115 partiu dali com doze companheiros para fundar uma nova casa da ordem em *clara vallis* – donde Clairvaux – tornando-se abade da nova fundação. Sua atuação não se restringiu, contudo, ao âmbito monástico e pouco após o estabelecimento de Clairvaux Bernardo passou a atuar no campo político e eclesiástico de sua época, primeiramente no espaço mais restrito da diocese de Langres e no contexto político

francês, passando a intervenções no papado e estendendo finalmente sua influência sobre toda a cristandade ocidental.

O epistolário de Bernardo de Clairvaux, que será analisado nesse artigo, testemunha a evolução da atuação do abade nos assuntos exteriores ao seu próprio mosteiro. Ali se encontram textos tratando de questões teológicas, políticas, filosóficas, além das cartas pessoais e dos textos ligados mais diretamente às questões da vida monástica, que Bernardo discutia fervorosamente com seus correspondentes. Ainda assim, é notável que as epístolas do abade cisterciense tenham levantado pouco, se algum, interesse relativo ao pensamento ético e sobretudo político de Bernardo. De modo geral os estudos voltados a essa temática abordam o tratado que o abade dedicou ao papa Eugênio III, *De consideratione*, visto por uma miríade de estudiosos como tratado político.<sup>6</sup> Questões ligadas às abordagens teórico-metodológicas do estudo das ideias políticas são em grande medida responsáveis por esse quadro. O pressuposto da *Vorstellungsgeschichte*, entretanto, contorna as ressalvas levantadas por uma historiografia das ideias de caráter tradicional, e insiste na riqueza que a investigação do pensamento político através das cartas do abade pode oferecer. Por essa razão o epistolário constitui o centro da análise presente.

O epistolário de Bernardo é vasto. J. Leclercq, que organizou a principal edição crítica das obras do abade de Clairvaux sugere que Bernardo tenha composto mais de mil cartas, dentre as quais mais de quinhentas foram preservadas (Leclercq, 1971, p. 205). A edição moderna das epístolas do abade se divide em três grandes grupos, dos quais o primeiro é o mais volumoso, contando com as cartas 1-310. Trata-se do *corpus epistolarum*, organizado pelo secretário de Bernardo, Godofredo de Auxerre, ainda em vida do abade cisterciense e provavelmente a pedido deste. Tal conjunto é de especial importância, pois reflete a intenção de Bernardo de Clairvaux em preservar sua correspondência como parte de seu legado. Tal intencionalidade aponta também para a importância conferida pelo próprio cisterciense para com suas relações epistolares. Bernardo vê nessas cartas um veículo privilegiado para a transmissão de suas ideias, razão pela qual pretende preservá-las. Ao *corpus* somam-se duas outras séries de correspondências do abade. As cartas 311-495 foram coligidas por Mabillion, Martène e Migne, e constituem a chamada *series antiqua*. As epístolas 496-547 foram acrescentadas primeiramente na edição de Leclercq-Rochais, e constituem a chamada *series nova*. A

riqueza do epistolário de Bernardo reside, segundo Iñaki Aranguren, no fato de que „sus cartas nos brindan un epistolario íntimo, libre, comprometido, gratuito, amoroso y conmovedor que emerge preogresivamente en la compleja problemática de los factores más diversos, inesperados e opuestos a veces entre si, tanto religiosos como profanos y hasta políticos“ (Aranguren, 1983, p. 5).

Otto de Freising<sup>7</sup> nasceu em data incerta, entre 1111 e 1115. Era membro da mais alta nobreza imperial, sendo filho do Markgraf Leopoldo III da *marcha orientalis* e de Agnes, filha do imperador Henrique IV e irmã de Henrique V. Em primeiras núpcias a mãe de Otto fora casada com Frederico I da Suábia, sendo mãe de Frederico II e Conrado III, rei germânico entre 1137 e 1152. Otto era um Babenberger, descendente direto dos imperadores sálicos e aparentado da casa Stauffer. Pouco se sabe sobre a vida de Otto até sua elevação ao episcopado de Freising, no sul da Baviera, próximo à atual Munique. Entretanto está claro que ele foi desde cedo direcionado ao estudo, com a perspectiva de atuar como eclesiástico, fortalecendo a posição de sua família no cenário político imperial. Otto estudou no reino franco, provavelmente em Paris, Chartres e Reims, mantendo-se com base nas rendas do convento de Klosterneuburg, do qual era preboste. Ao final de seus estudos, em 1133, Otto tornou-se monge em Morimond, uma casa cisterciense na região fronteira entre a *Francia* e a *Germania*. A partir desse momento parece afastar-se dos planos de atuação no clero secular. Em 1138 foi eleito abade da casa, mas uma reviravolta o conduziu novamente ao centro da política imperial, ao ser elevado ao episcopado de Freising, em uma clara manobra política de seu meio-irmão Conrado III para assegurar apoios nos territórios dominados por seus opositores, os Welf.

Será no contexto de suas atividades episcopais que Otto irá se dedicar à historiografia. Sua primeira obra, vista como principal pelos estudiosos modernos, o bispo compôs nos primeiros anos da década de 1140, após iniciar a reorganização da diocese de Freising. Trata-se de uma história universal constituída em torno do mote agostiniano das duas cidades, como o título que as edições posteriores evidenciam. Após a conclusão dessa obra, Otto tomou parte na cruzada de 1147, liderando peregrinos na empreitada desastrosa, sobre a qual ele comenta em sua segunda obra historiográfica, as *Gesta Friderici*. Esta obra foi escrita sob a encomenda do imperador Frederico I, Barbarossa, tio de Otto, com a finalidade de louvar os feitos do novo imperador, eleito em 1152 e coroado em Roma em 1155, em especial os sucessos de sua campanha na Itália. Tratam-

se, sem dúvida, de obras muito distintas, em seu caráter, às epístolas de Bernardo de Clairvaux. Contudo, não deixam de apresentar de maneira muito clara as posições ético-políticas de seu autor, fornecendo desse modo um interessante comparativo a respeito do pensamento político na primeira metade do século XII.

### ***Moderatio e temperantia* nas visões políticas de Bernardo de Clairvaux e Otto de Freising.**

Bernardo de Clairvaux apresenta na epístola 26<sup>8</sup> ao bispo Guido de Lausanne o conjunto de virtudes que um eclesiástico de elevado *status* deve exercitar. Tratam-se das chamadas *virtutes cardinales* – *fortitudo*, *iustitia*, *prudentia*, *temperantia* –, esquema definido nos primeiros séculos da era cristã por Ambrósio de Milão sobre modelos que recuam até a filosofia ética grega clássica.<sup>9</sup> Dentre essas figura em destaque a *temperantia*. Bernardo associa em sua curta epístola as quatro virtudes cardeais a tarefas do bispo e líder eclesiástico, representadas por passagens bíblicas. *Fortitudo* para controlar as grandes tarefas (*fortia*) que estão diante de si, *prudentia* para vigiar sobre a igreja, *iustitia* por tornar-se responsável (*debitor*) por sábios e incultos. Sobre todas essas virtudes, entretanto, o abade coloca a tarefa da *temperantia*. Ela deve atuar de modo a impedir que o bispo seja reprovado. A uma primeira vista, uma carta de conselhos religiosos a um sacerdote que acaba de assumir importante posição eclesiástica, e que diante de tal tarefa, deve colocar-se como exemplo de piedade e religiosidade perante seu rebanho.

Entretanto, a carta de Bernardo não se resume a um conselheiro sobre piedade. É preciso interpretá-la diante da realidade institucional da Idade Média, em que a estrutura eclesiástica constitui parte substancial do aparato político, sendo os bispos ao mesmo tempo líderes espirituais e políticos. Assim, a carta do abade de Clairvaux precisa ser lida não exclusivamente como um conselheiro ao representante eclesiástico, mas também ao novo membro da elite política da região de Lausanne. As demandas de Bernardo quanto à ação de Guido ganham diante desse quadro um novo significado, que se deve agregar ao sentido mais literal e direto para o interpretador moderno. O abade cita as *virtutes cardinales* exatamente por estas serem políticas em sua origem, e porque o abade quer alertar o bispo eleito para suas responsabilidades políticas diante da diocese de Lausanne. Não é por acaso essa escolha, o que fica evidente se considerar-se os exemplos escolhidos

por Bernardo para remeter às virtudes, pois a ambiguidade transparece nos conselhos para o exercício das mesmas em situações não claramente religiosas. O abade é vago em sua notícia, pois vaga é a inter-relação dos âmbitos político e religioso. Não há uma clara distinção entre as esferas de atuação de Guido, de modo que se possa excluir algum sentido na missiva de Bernardo.

O abade de Clairvaux remete, de modo geral, pouco à *temperantia*<sup>10</sup> em suas cartas, sendo o exemplo da epístola 26 onde o significado político da mesma é mais evidente. Entretanto, uma leitura cuidadosa de outras cartas permite o investigador reconhecer com mais detalhe qual o sentido da *temperantia* para Bernardo, considerando-se um contexto político. Isso pode ser observado através de três exemplos.<sup>11</sup> Na epístola 363 aos bispos da Baviera o abade recomenda que estes não abandonem o *temperamentum scientiae* em suas ações.<sup>12</sup> A referência à *temperantia* é somente indireta nesse caso, uma vez que o termo utilizado por Bernardo difere da virtude em si. Ainda assim é possível reconhecer a relação com a mesma pelo uso do termo *temperamentum*, que remete em última análise à ação esperada da temperança. A ligação fica ainda mais evidente diante do contexto da epístola. Trata-se de uma advertência de Bernardo aos bispos, para que não sigam quaisquer boatos – em relação à pregação da cruzada e em especial à perseguição da comunidade judaica –, buscando sempre o equilíbrio da razão, a temperança da ciência (do saber) antes de tomar atitudes radicais. A referência à virtude da *temperantia* é indireta nesse caso, mas seu caráter político é evidente. Ela deve estar presente na tomada de decisões dos bispos, que não devem seguir quaisquer espíritos. O saber – a verdade – deve conduzir a uma avaliação da situação e uma reação adequada, média, temperada diante das reivindicações realizadas. A temperança evita assim a injustiça pelo excesso de zelo.

De modo concreto o abade fala na epístola sobre as perseguições aos judeus, difundidas em pregações “não autorizadas” da segunda cruzada no espaço imperial. A referência à situação concreta evidencia o caráter político do conselho de Bernardo, pois o cisterciense não está preocupado aqui somente com questões místico-religiosas, mas concretamente com o bem estar da população – judaica ou não –, o que considera uma das principais tarefas do bispo, como fica evidente na carta 26. É tarefa da *temperantia*, então, se esforçar pelo bem comum, além de preservá-lo. Por essa razão o cisterciense desafia os líderes religiosos da Baviera e da Franconia a exercitarem o *temperamentum*

*scientiae*. Finalmente observa-se na carta do abade de Clairvaux a relação entre o zelo e a temperança. Segundo Bernardo, o *temperamentum scientiae* deve conter o *zelum*. Desse modo, o cisterciense pretende que a ciência controle o zelo dos bispos em seguir as notícias a respeito da pregação da segunda cruzada, a fim de que os mesmos não abandonem a temperança e não causem injustiça e danos em seus respectivos espaços de atuação política, representados nesse caso pela perseguição aos judeus. Preocupam o abade dois aspectos interligados nesse caso: a verdade – que remete à pregação da segunda cruzada, da qual ele era encarregado, e a paz – conteúdo orientador de sua pregação e fortemente influenciado por sua interpretação teológico-monástica da realidade.

Através da ciência do conteúdo verdadeiro da pregação os bispos escapariam do perigo da injustiça, que em última instância levaria conflitos dentro da cristandade. São justamente tais conflitos internos que em parte justificam a pregação da cruzada, pois, como Bernardo coloca<sup>13</sup>, ela é o espaço através do qual os *milites* devem provar seu valor especificamente fora do espaço dominado pelo cristianismo, evitando assim as tensões e instabilidades políticas no ocidente. A violência deve ser canalizada na luta contra o infiel que ameaça a terra santa. A perseguição aos judeus fere tal proposta ao prender a violência dentro do território cristão e colocar em cheque o bem estar das populações. Para o cisterciense, é preciso controlar o zelo dos bispos, orientando-se pela *temperantia*, a fim de preservar a paz no *orbis* cristão.

Preservar a paz dentro da cristandade aparece nos textos de Bernardo de Clairvaux como a principal tarefa dos agentes políticos, sejam eles eclesiásticos ou leigos. Trata-se de uma consequência da interpretação da realidade por parte do cisterciense, que segue padrões orientados pela sua experiência mística, oriunda de sua vida monástica. A reforma monástica constitui para Bernardo um ideal a ser transposto para todos os âmbitos da vida cristã, também fora do claustro. Temperança é interpretada a partir da experiência monástica de Bernardo, mas suas implicações, suas características, devem ser transpostas para além dos muros da reclusão, influenciando o agir de todo o cristão, também no contexto político. Tal relação observa-se com clareza na epístola 353 ao abade Guilherme de Rievaulx.<sup>14</sup> O contexto da carta aponta para a difícil situação experimentada pela ordem de Cîteaux ao interferir nos assuntos político-eclesiásticos da diocese de York. Guilherme, juntamente com outros cistercienses, opôs-se veementemente à elevação do

arcebispo Fitzherbert à cátedra de York, que não pôde ser impedida – apesar de sua ilegalidade –, colocando Guilherme em uma posição delicada politicamente em sua diocese. Em sua carta ao colega abade, Bernardo orienta que Guilherme de Rievaulx suporte a situação com paciência, impedindo que a situação se agrave ainda mais. Novamente Bernardo opõe *temperamentum scientiae* ao *zelum*, acrescentando no quadro a figura da *iustitia*, que se coloca ao lado da temperança. O *temperamentum* deve aqui mais uma vez evitar que o agente cometa uma injustiça. Especialmente nessa passagem fica visível a relação, ainda que indireta, entre o exercício das virtudes e a busca pela paz e a concórdia no campo político, ideais defendidos pelo abade de Clairvaux. A contenção de Guilherme de Rievaulx diante da situação desfavorável politicamente se põe como meio para evitar o conflito entre as partes litigantes, dando assim espaço para a manutenção da paz.

Aos poucos se forma um perfil da concepção de Bernardo de Clairvaux em torno da virtude da *temperantia*. Sobretudo se forem observados os esquemas recorrentes em suas cartas, em especial a oposição entre o *zelum* e a *temperantia*, que deve controlar o primeiro sentimento. Tal é o esquema que aparece, finalmente, na carta 374 aos monges irlandeses em decorrência da morte do abade Malaquias.<sup>15</sup> Aqui o contexto não é político. Trata-se de uma epístola que deve consolar os monges pela morte de seu líder e ao mesmo tempo orientá-los no agir diante da adversidade da morte. O texto é, entretanto, interessante se o pressuposto de que a vida monástica deve servir de molde às ações de toda a cristandade estiver correto. Bernardo mostra em sua carta uma profunda empatia pelos monges em luto e se compadece de seu sofrimento. Ele compreende a dor pela partida de seu líder e reconhece nas manifestações dos monges o zelo para com a memória daquele que partiu, o que é visto como justo por Bernardo. Ainda assim o conhecimento – da verdade bíblica, nesse caso – deve conter o zelo, conduzindo ao ideal da *temperantia*. O abade de Clairvaux reforça essa ideia ainda ao apresentar a *moderatio* no mesmo trecho, virtude irmã da temperança e que aparece em muitos textos como sinônimo da mesma. Na epístola aos monges irlandeses o abade cisterciense enfatiza a necessidade sustentar a moderação, mesmo nas horas difíceis, no pranto.

Assim como no caso da *temperantia*, a *moderatio* aparece somente em poucas epístolas de Bernardo, e dentre estas, somente duas<sup>16</sup> apontam para seu caráter político em relação aos ideais do abade. Em sua epístola 354 à rainha Melisende de Jerusalém o

abade de Clairvaux orienta sua correspondente a ordenar todas as coisas com “prudência e moderação”.<sup>17</sup> Desse modo, Bernardo apresenta a *moderatio* como uma das virtudes políticas centrais. Ele apresenta uma relação clara entre essa virtude e a prática governativa. É possível reconhecer na formulação do cisterciense que um governo bom, forte – que Bernardo identifica com um governo masculino<sup>18</sup> – pressupõe o exercício da moderação. O abade apresenta neste trecho o masculino como sinal de um bom governo, ainda que sua carta se dirija a uma rainha. Ela deve agir de tal maneira – através do exercício das virtudes políticas –, que todos a tomem por rei ao invés de rainha. Bernardo ainda reforça tal quadro ao afirmar que Melisende deva se apresentar como homem (*vir*).<sup>19</sup>

Em grande medida refletem-se nessa passagem conceitos típicos À Idade Média, relativos aos papéis masculino e feminino.<sup>20</sup> Digno de destaque, contudo, é o fato da superação dos papéis tipicamente atribuídos ao masculino e ao feminino em relação à matéria política através do exercício das virtudes ser vislumbrada pelo abade de Clairvaux. Ao lado da *fortitudo*, tipicamente masculina (no sentido de uma virtude ligada ao exercício militar, reconhecível em diversos textos cisterciense<sup>21</sup>) aparecem a prudência e a moderação. Tais virtudes são colocadas por Bernardo como meio para se estabelecer um governo ideal e, ao mesmo tempo, para a superação das fraquezas individuais do governante. Tais aspectos são indicados, por vezes indiretamente, na carta do abade a Melisende quando ele opõe a imagem de um governante forte – por conseguinte, de uma liderança forte – à imagem de uma rainha fraca e indecisa.<sup>22</sup> Para Bernardo, a rainha tornar-se-á uma boa governante se, seguindo o modelo de um rei idealizado, ela demonstrar prudência, moderação e *fortitudo* políticas. Desse modo, alguns elementos da idealização política de Bernardo ficam evidentes. Primeiramente a relação entre o exercício das virtudes cardeais e a realização de um bom governo, como aparece na epístola 26 a Guido de Lausanne. Embora Bernardo não fale diretamente sobre a *iustitia* na carta a Melisende, ele menciona as outras três virtudes cardeais, de modo que é possível estabelecer tal conexão. O fato de o abade associar tais virtudes ao bom governo, apontando inclusive para seu poder de promover a superação de deficiências pessoais demonstra o papel central das *virtutes cardinales* na concepção de um governo ideal no pensamento político de Bernardo.

Finalmente na carta 311 Bernardo de Clairvaux apresenta uma característica final da *moderatio*, cuja importância em suas idealizações políticas fica evidente, completando a perspectiva de que tal virtude deva ser interpretada não somente em seu sentido ético-religioso, que domina os escritos do abade, mas também em suas implicações políticas. Ao escrever ao chanceler Haimerich o cisterciense sugere que “não há nada que se faça sobre a terra, que não passe pelas mãos do chanceler romano, e que quase nada possa ser julgado bom, que não tenha sido primeiramente examinado por ele”.<sup>23</sup> No processo descrito o abade destaca o papel da *moderatio* e a coloca em conexão com o exercício da justiça. Também a moderação é colocada em associação com o exercício reflexivo do governante, analogamente à fórmula *temperamentum scientiae*, observada acima. *Consilio* pode ser entendido como inteligência ou capacidade de julgamento. Desse modo é possível tratar um paralelo – e ao que tudo indica Bernardo pensa dessa forma – entre *moderatum consilio* e *temperamentum scientiae*. Tal paralelo é reforçado ainda pela relação entre *temperantia/moderatio* e *iustitia*, recorrente nos escritos de Bernardo. O bem comum resulta da ação das virtudes na consideração<sup>24</sup> de todas as questões e situações por parte do chanceler. É através da busca constante pelo bem comum que o ideal político de Bernardo de Clairvaux pode ser vislumbrado na carta. *Pax*, *bonum* e *concordia* representam os elementos fundamentais que constituem os ideais políticos do abade cisterciense.

Paz e concórdia constituem elementos centrais do pensamento político também de Otto de Freising (Grzybowski, 2014). Em sua obra historiográfica a relação entre o exercício de um governo ideal e a demonstração de virtudes políticas é evidente. Otto segue igualmente o modelo das *virtutes cardinales*, acrescenta a elas, contudo, temas que não estão classicamente associados às virtudes políticas, de modo que é possível afirmar com segurança que o bispo não utiliza as virtudes apenas como recurso retórico em seus escritos, mas crê de fato na ação positiva das *virtutes* na realização de um governo ideal. Nesse contexto, Otto enfatiza a necessidade da *iustitia*, da *fortitudo* e da *prudentia* do governante. De modo geral, *temperantia* e *moderatio* aparecem pouco em suas obras. Não obstante, sempre em passagens decisivas e grande valor para o delineamento do ideal político do bispo. Nas *Gesta Friderici* a *moderatio* aparece uma única vez explicitamente. É, contudo, em uma passagem central para a compreensão de seu pensamento político, a saber, em sua advertência aos governantes da terra, no quarto capítulo do primeiro livro

de sua obra.<sup>25</sup> Os governantes, segundo Otto, devem ser moderados em suas ações, mantendo diante dos olhos constantemente a imagem de Deus.

Ao propor tal imagem, o bispo de Freising relaciona a moderação ao reconhecimento da insignificância do homem diante da grandeza de Deus. O conceito de *moderatio* aparece assim muito próximo à noção de *humilitas*, que no contexto dos movimentos de reforma monástica nos séculos XI e XII ganhou novo fôlego.<sup>26</sup> Otto segue, influenciado por sua experiência monástica, um conceito que procura encontrar o espaço da *humilitas* também na política. Na advertência que faz aos governantes da terra aponta nessa direção, assim como em outra passagem, na qual Otto sugere aos governantes a temperança nos tempos prósperos.<sup>27</sup> Tal conselho dado aos governantes é interpretado pelo bispo com base numa “comparação médica”, a saber, o tema com o qual o frisingense conclui sua advertência e aponta para a trama histórica que constitui a base sobre a qual compõe sua representação do passado.<sup>28</sup>

Para Otto, o tema das duas cidades – *civitas Dei* e *civitas terrena* –, apropriado do pensamento de Agostinho e Orósio, é mera expressão de uma realidade intrínseca à experiência humana no tempo, as *vicissitudes rerum*. Escapar, da melhor maneira possível, às mudanças do tempo é a tarefa principal de todo cristão. Ela aponta para a perenidade da eternidade divina em oposição à transitoriedade da experiência humana. O bispo de Freising conhece e destaca em sua historiografia a impossibilidade da completude de tal tarefa na vida terrena, mas aponta para o espaço monástico como aquele mais próximo ao ideal a ser alcançado. Nas *Gesta Friderici* observa-se uma tentativa de transposição de tais ideais para a formulação de um modelo de governante ideal, identificado com a figura do imperador romano. Otto se percebe compelido a propor tal quadro no intuito de instruir seu sobrinho segundo suas idealizações. Finalmente o objetivo de um governo ideal para o frisingense é escapar aos altos e baixos que marcam a experiência histórica, razão pela qual ele louva o Barbarossa e o apresenta como portador das *virtutes cardinales*.

O sentido que o bispo de Freising confere à *moderatio* em sua *Historia de duabus civitatibus* é similar ao que aparece nas *Gesta Friderici*, como se pode observar pelo exemplo da narrativa do governo do imperador Tibério.<sup>29</sup> Otto apresenta o governante romano como deveras moderado e associa tal quadro a três elementos fundamentais presentes em seu pensamento político. Pois o bispo de Freising conclui que Tibério, por

ser um governante moderado, preservou eficientemente a paz com os povos externos aos *orbis*, ao mesmo tempo em que manteve a concórdia interna do império, ambos elementos já mencionados como fundamentais dentro dos ideais políticos do frisingense. Em relação a estes mesmos elementos, Otto menciona também outros governantes idealizados, sempre os caracterizando como moderados, de modo que se conclui a existência de uma relação direta entre o exercício da *moderatio* e a realização dos ideais de paz e concórdia.<sup>30</sup> Aos ideais de paz e concórdia o bispo ainda acrescenta a noção de que o governante ideal deva ser moderado em relação aos bens materiais e à exploração do povo. Fica evidente tal postura com a citação que Otto faz de Orósio, em que se realiza a comparação do imperador com um pastor de ovelhas, que deve tosquiá-las, não devorá-las.<sup>31</sup> O bispo de Freising apresenta tal imagem numa suposta fala de Tibério em resposta às reivindicações de governadores, adicionando em seu julgamento que o imperador demonstrava grande gentileza. Assim, Otto aponta também no caso de Tibério para sua proposta de *humilitas* por parte do governante, o que aponta para uma forte conexão entre os pressupostos apresentados em ambas suas obras historiográficas em relação aos ideais políticos.

### **Considerações finais:**

As *vicissitudes rerum* marcam a filosofia da história de Otto de Freising.<sup>32</sup> Além disso, elas definem sua visão de mundo, assim como seus ideais políticos. Contra o problema de uma vida envolta em reviravoltas, o bispo louva a *constantia*. Através dela o homem pode escapar da instabilidade do mundo, idealmente como monge, em um mosteiro.<sup>33</sup> Mas ela também auxilia o governante ao manter o reino em paz. Paz e concórdia que devem ser adquiridas através do auxílio da *moderatio/temperantia*. Este par aparece constantemente relacionado ao exercício do bom governo ou na figura do bom governante em seus escritos, de modo que apontam para os ideais políticos do bispo. Finalmente o frisingense associa a *moderatio* e a *temperantia* à virtude cristã da *humilitas*, mostrando com isso que suas concepções acerca das virtudes devem ser interpretadas com um todo, sem que haja uma divisão clara entre elementos políticos, éticos ou religiosos. É nesse sentido que as passagens trabalhadas apontam.

Assim também se observa o papel das virtudes no pensamento de Bernardo de Clairvaux. O abade cisterciense não conhece distinção entre o político e o religioso ou místico. A

análise de suas concepções relativas à *temperantia* mostra que os conceitos que Bernardo desenvolve através de sua experiência monástica são transpostos para o campo político quanto o abade se corresponde com leigos e apresenta a eles suas perspectivas em relação a um governo ideal. A temperança deve conter os excessos dos governantes, refrear seu zelo, a fim de impedir que ocorram injustiças. Mesmo as referências à *temperantia* sendo poucas nos escritos do cisterciense, é possível identificar alguns elementos de grande importância para a compreensão de seu pensamento político, sobretudo em relação à já mencionada indivisibilidade entre o político e o religioso nas expectativas de Bernardo. Confirma-se desse modo a hipótese de que os ideais políticos do cisterciense, representados por suas concepções de virtude aplicadas ao contexto governativo, orientam-se sobre aspectos teológico-místicos que devem ser transpostos da vida monástica à vida política. *Moderatio* aparece nesse sentido de maneira bastante destacada, uma vez que para Bernardo ela é imprescindível para o exercício do governo ideal.

O século XII é de fato um período singular e crucial para a compreensão dos processos históricos que marcam a passagem da Alta Idade Média. Observa-se aqui um processo de verdadeiro reavivamento do conhecimento através da recuperação de temas antigos e sua reinterpretação à luz das experiências vividas nessa época conturbada, marcada por conflitos políticos e teológicos. O pensamento político não passa por esse processo ileso, como os muitos estudos a respeito do *Policraticus* demonstram. Mas não é possível resumir as ideias de uma época a uma única obra, nem a um único suporte. A investigação das ideias políticas através da concepção das virtudes governativas nas epístolas de Bernardo e na historiografia de Otto demonstra em pequena escala as possibilidades que tais abordagens oferecem na busca pelo conhecimento mais completo e adequado acerca das formas de pensar do passado.

## Referências

- AMBROSIUS DE MILÃO. 'De excessu fratris', FALLER, O. (ed) *Sancti Ambrosii Opera*, Wien: Hoelder-Pichler-Tempsky, 1955, pp. 207–325.
- ARANGUREN, I. 'Introducción', Los monjes cistercienses de España (ed) *Obras completas de San Bernardo*, Madrid: La Editorial Católica, 1983, pp. 03–38.
- BEJCZY, I. *The cardinal virtues in the Middle Ages: A study in moral thought from the fourth to the fourteenth century*, Leiden: Brill, 2011.
- Bernard de Clairvaux: Histoire, mentalités, spiritualité* (colloque de Lyon-Cîteaux-Dijon), Paris: Éditions du Cerf, 1992.
- BERNARDO DE CLAIRVAUX. 'De consideratione: Ad Eugenium papam', Leclercq, J. (ed) *S. Bernardi opera*, Roma: Ed. Cistercienses, 1957a-1977.
- BERNARDO DE CLAIRVAUX. 'Epistolae: I. Corpus Epistolarum 1-180', Leclercq, J. (ed) *S. Bernardi opera*, Roma: Ed. Cistercienses, 1957b-1977.
- BERNARDO DE CLAIRVAUX. 'Epistolae: I. Corpus Epistolarum 181-310 / II. Epistolae Extra Corpus 311-547', Leclercq, J. (ed) *S. Bernardi opera*, Roma: Ed. Cistercienses, 1957c-1977.
- BERNARDO DE CLAIRVAUX. 'Liber ad milites templi: De laude novae militia', Leclercq, J. (ed) *S. Bernardi opera*, Roma: Ed. Cistercienses, 1957d-1977.
- BERNARDO DE CLAIRVAUX. 'Liber de gradibus humilitatis et superbiae', Leclercq, J. (ed) *S. Bernardi opera*, Roma: Ed. Cistercienses, 1957e-1977.
- BREDERO, A. H. *Bernhard von Clairvaux im Widerstreit der Historie*, Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1966.
- DINZELBACHER, P. *Bernhard von Clairvaux: Leben und Werk des berühmten Zisterziensers*, 2nd edn, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2012.
- DUBY, G. *O cavaleiro, a mulher e o padre: O casamento na França feudal*, Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Eva e os padres: Damas do século XII*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *Idade média, idade dos homens: Do amor e outros ensaios*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

- DUBY, G. & PERROT, M. (ed.). *Geschichte der Frauen*, Berlin: Haffmans & Tolkemitt, 2012.
- EVANS, G. R. *The mind of St. Bernard of Clairvaux*, Oxford: Clarendon Press, 1983.  
\_\_\_\_\_. *Bernard of Clairvaux*, New York: Oxford University Press, 2000.
- GLASER, H. 'Versuch über die Lebensgeschichte', in FISCHER, J. A. (ed.) *Otto von Freising: Gedenkgabe zu seinem 800. Todesjahr*, Freising: Verlag des Historischen Vereins Freising E. V., 1958, pp. 14–38.
- GOETZ, H.-W. *Das Geschichtsbild Ottos von Freising: Ein Beitrag zur historischen Vorstellungswelt und zur Geschichte des 12. Jahrhunderts*, Köln: Böhlau, 1984.  
\_\_\_\_\_. '„Vorstellungsgeschichte": Menschliche Vorstellungen und Meinungen als Dimension der Vergangenheit' (Bemerkungen zu einem jüngeren Arbeitsfeld der Geschichtswissenschaft als Beitrag zu einer Methodik der Quellenauswertung), AURAST, A. & PATZOLD, S. (eds) *Vorstellungsgeschichte: Gesammelte Schriften zu Wahrnehmungen, Deutungen und Vorstellungen im Mittelalter*, Bochum: Winkler, 2007, pp. 3–17.  
\_\_\_\_\_. *Geschichtsschreibung und Geschichtsbewußtsein im hohen Mittelalter*, 2nd edn, Berlin: Akademie Verlag, 2009.  
\_\_\_\_\_. *Gott und die Welt: Religiöse Vorstellungen des frühen und hohen Mittelalters* (T. I, Bd. 1), Berlin: Akademie Verlag, 2011.  
\_\_\_\_\_. *Lebensbilder aus dem Mittelalter: Die Zeit der Ottonen Salier und Staufer*, 3rd edn, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2010.
- GRILL, L. 'Bildung und Wissenschaft im Leben Ottos von Freising', *Analecta Sacri Ordinis Cisterciensis*, vol. 14, 3-4, 1958, pp. 281–333.  
\_\_\_\_\_. 'Neues zum Itinerar Ottos von Freising', in HÄRTEL, R. (ed.) *Geschichte und ihre Quellen: Festschrift für Friedrich Hausmann zum 70. Geburtstag*, Graz: Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, 1987, pp. 37–46.
- GRZYBOWSKI, L. G. *Politische Tugendvorstellungen im 12. Jahrhundert: Die Schriften Ottos von Freising und Bernhards von Clairvaux*, PhD Thesis, Hamburg: Universität Hamburg, 2014.
- HASKINS, C. H. *The renaissance of the twelfth century*, 3rd edn, Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1933.

- HOFMEISTER, A. 'Studien über Otto von Freising: I. Der Bildungsgang Ottos von Freising', *Neues Archiv der Gesellschaft für ältere deutsche Geschichtskunde*, vol. 37, 1912, pp. 101–161 / 635-768.
- JOÃO DE SALISBURY. *Joannis Saresberiensis Episcopi Carnotensis Policratici sive de nugis curialum et vestigiis philosophorum libri VIII*, Oxford: Clarendon Press, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Policraticus I - IV*, Turnhout: Brepols, 1993.
- KIRCHNER-FEYERABEND, C. *Otto von Freising als Diözesan- und Reichsbischof*, Frankfurt am Main, Bern, New York, Paris: Peter Lang, 1990.
- LAMMERS, W. 'Einleitung', LAMMERS, W. (ed.) *Chronik oder die Geschichte der zwei Staaten*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1960, pp. XI-LXVIII.
- LECLERCQ, J. *Études sur Saint Bernard: et le texte de ses écrits*, Roma, Curia Generalem Sacri Ordinis Cisterciensis, 1953.
- \_\_\_\_\_. 'Recherches sur la collection des épîtres de saint Bernard', *Cahiers de civilisation médiévale*, vol. 14, no. 55, 1971, pp. 205–219.
- MACINTIRE, A. C. *After virtue: A study in moral theory*, 3rd edn, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.
- MIEROW, C. C. 'Introduction: Otto of Freising and the Philosophy of History', EVANS, A. P. e KNAPP, C. (eds) *The two cities: A chronicle of universal history to the year 1146 A.D.*, New York: Columbia University Press, 2002, pp. 01–79.
- ORÓRIO. 'Histoires (Contre les païens): Livre VII', ARNAUD-LINDET, M. P. (ed) *Histoires (Contre les païens)*, Paris: Les Belles-Lettres, 1990-91.
- OTTO DE FREISING. 'Ottonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus', HOFMEISTER, A. (ed.) *Ottonis episcopi Frisingensis Chronica sive Historia de duabus civitatibus*, Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1984 (1912).
- \_\_\_\_\_. 'Ottonis Gesta Friderici I. imperatoris', WAITZ, G. and SIMSON, B. von (eds.) *Ottonis et Rahewini Gesta Friderici I. imperatoris*, Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1997 (1912).
- PHILBÉE, A. *Saint Bernard de Fontaine, abbé de Clairvaux: Sa vie et sa spiritualité*, Paris: Éditions du Cerf, 1990.
- ULLMANN, W. *A history of political thought: The Middle Ages*, Harmondsworth: Penguin Books, 1970.

VACANDARD, E. *Vie de Saint Bernard: Abbé de Clairvaux*, 7th edn, Paris: Lecoffre, 1920.

WAITZ, G. and SIMSON, B. von. 'Praefatio', *Ottonis et Rahewini Gesta Friderici I. imperatoris*, Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1997 (1912), pp. VII.

WENDELBORN, G. *Bernhard von Clairvaux: Ein grosser Zisterzienser in der ersten Hälfte des 12. Jahrhunderts*, Frankfurt am Main, Berlin, Bern, New York, Paris, Wien: Peter Lang, 1993.

---

<sup>1</sup> João de Salisbury (1993), João de Salisbury (1909)

<sup>2</sup> Tradução de "[...] it was the governments themselves [...] who by their governmental measures created, shaped, and applied political ideas. Whatever there was in political doctrine was contained in the actions which the governments themselves took, and these actions were as often as not responses to actual and concrete situations and challenges. In the earlier Middle Ages political thought has to be extracted from the official pronouncements of the respective governments as well as from the historical process itself [...] The close integration between ideas of government and the facts of government is a feature which stands in need of particular emphasis" (Ullmann, 1970, pp. 14–15)

<sup>3</sup> Tradução de "Sie ist gleichsam der Versuch, einerseits die Ausweitung der Geschichtswissenschaft auf alle Menschen und alle Bereiche menschlichen Lebens auch auf die Geistesgeschichte auszudehnen und nicht mehr nur die großen Denker, sondern auch die „Durchschnittsautoren“ als Zeitzeugen zu analysieren. Andererseits zielt sie auf das gesamte Denken und Wissen der (oder eines) Menschen ab und erfaßt mit der Summe menschlicher Gedanken, Ansichten, Meinungen, Überzeugungen und Anschauungen die geistigen Befindlichkeiten und Kapazitäten der Menschen insgesamt." Goetz (2011, pp. 17–18)

<sup>4</sup> Tradução de "Eine 'Vorstellungsgeschichte' rekonstruiert nicht die Vergangenheit in ihrer Faktizität, sondern die Vergangenheit als die 'verarbeitete Wirklichkeit des Zeitgenossen'. Da man 'Geschichte' heute zunehmend als das Vergangenheitsbild der jeweiligen Gegenwart definiert, behandelt eine 'Vorstellungsgeschichte' in diesem Sinn tatsächlich 'die Geschichte vergangener Zeiten.'" Goetz (2007, pp. 5–6)

<sup>5</sup> As informações referentes à vida e obra de Bernardo de Clairvaux foram retiradas de Dinzelbacher (2012); Evans (2000); Evans (1983); Leclercq (1953); Philbée (1990); Wendelborn (1993); Vacandard (1920); Bredero (1966); Bernard de Clairvaux, 1992

<sup>6</sup> Contesto essa abordagem em minha tese doutoral. O *De consideratione* não foi pensado por Bernardo como um tratado político ou espelho de príncipe (categorias em que se buscou classificá-lo), mas como um "conselheiro monástico", uma obra composta por um abade que se via responsável pela educação (monástica) de um monge de sua ordem. Bernardo não pretende tornar Eugênio um bom político, mas sim um bom monge. A esse respeito ver Grzybowski (2014)

<sup>7</sup> Sigo aqui as investigações de Hofmeister (1912); Waitz and Simson (1912 (1997)); Mierow (2002); Glaser (1958); Grill (1958); Lammers (1960); Grill (1987); Goetz (1984); Kirchner-Feyerabend (1990); Goez (2010).

<sup>8</sup> "*Manum vestram misistis ad fortia; opus est fortitudine. Speculator domui Israel factus estis; opus est prudentia. Sapientibus et insipientibus debitor estis; opus est iustitia. Postremo maxime temperantia opus*

*est, ne qui aliis praedicat, ipse, quod absit, reprobus fiat.*” Bernhard, von Clairvaux (1957b-1977, Ep. 26, pp. 79)

<sup>9</sup> E. g. Ambrosius de Milão (1955, I, 57). Sobre a origem dos sistemas de virtudes ver MacIntyre (2007). Sobre o papel das virtudes cardeais na Idade Média Bejczy (2011)

<sup>10</sup> Bernardo utiliza o termo somente dezoito vezes em seu epistolário, considerando aí termos próximos como *temperamentum* ou *temperare*.

<sup>11</sup> As epístolas 353, 363 e 374.

<sup>12</sup> „*De cetero, fratres, moneo vos, non autem ego, sed Apostolus Dei mecum, non esse credendum omni spiritui. Audivimus et gaudemus quod in vobis ferveat zelus Dei, sed oportet omnino temperamentum scientiae non deesse. Non sunt persecuendi Iudaei, non sunt trucidandi, sed nec effugandi quidem.*“ Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 363, pp. 316)

<sup>13</sup> „*Quia ergo fecunda virorum fortium terra vestra et robusta noscitur iuventute referta, sicut laus est vestra in universo mundo, et virtutis vestrae fama replevit orbem, accingimini et vos viriliter et felicia arma corripite christiani nominis zelo. Cesset pristina illa non militia, sed plane malitia, qua soletis invicem sternere, invicem perdere, ut ab invicem consumamini Quae enim miseris tam dira libido? Transverberat quis proximi corpus gladio, cuius fortassis et anima perit; sed nec ipse effugit qui gloriatur: et IPSIUS ANIMAM PERTRANSIT GLADIUS, ne solum hostem gaudeat cecidisse. Huic sese dare discrimini insaniae est, non virtutis, nec audaciae, sed amentiae potius ascribendum. Habes nunc, fortis miles, habes, vir bellicose, ubi dimices absque periculo, ubi et vincere gloria, ET MORI LUCRUM. Si prudens mercator es, si CONQUISITOR HUIUS SAECULI, magnas quasdam tibi nundinas indico, vide ne te praetereant. Suscipe Crucis signum, et omnium pariter, de quibus corde contrito confessionem feceris, indulgentiam obtinebis delictorum. Materia ipsa si emitur, parvi constat; si devote assumitur humero, valet sine dubio regnum Dei. Bene ergo fecerunt qui caeleste iam signaculum susceperunt; bene facient et ceteri, nec ad insipientiam sibi, si festinent et ipsi apprehendere quod et eis sit in salutem.*“ Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 363, pp. 314-315)

<sup>14</sup> „*AUDIVI quod factum est de Archiepiscopo illo, et plurimum doleo. Propterea sciens zelum vestrum, ne forte plus iusto ferveat, temperamentum scientiae non admittens, quod nec Ordini nostro convenit, nec domui vestrae necessarium est, dignum duxi consolatoria vobis scribere quoniam satis aequanimiter portanda sunt cetera, quandoquidem non nos arguit propria conscientia. Securus dico, neque iniquitas vestra, neque peccatum vestrum.*“ Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 353, pp. 296)

<sup>15</sup> „*Si haberemus hic manentem civitatem, copiosissimis iure lacrimis plangeremus talem nos amisisse concivem. Ceterum si futuram magis inquirimus, ut oportet, est quidem non modica doloris occasio tam necessario duce destitui; debet tamen zelum temperare scientia et dolorem spei fiducia delinire. Nec mirari quempiam decet, si gemitum extorquet affectus, si desolatio lacrimas exprimit; modum tamen adhibere necesse est, immo et non modice etiam consolari, intuentes non QUAE VIDENTUR, SED QUAE NON VIDENTUR. QUAE ENIM VIDENTUR TEMPORALIA SUNT; QUAE AUTEM NON VIDENTUR, AETERNA.*“ Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 374, pp. 335)

<sup>16</sup> Ao total, *moderatio* aparece somente em dez epístolas. As duas cartas que tratam do tema a partir de uma perspectiva política são as epístolas 311 e 354.

<sup>17</sup> „*Ita prudenter et moderate oportet te cuncta disponere, ut omnes, qui te viderint, ex operibus regem te potius quam reginam existiment, NE FORTE DICANT IN GENTIBUS: «UBI EST rex Ierosolymorum?»*” Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, pp. Ep. 354, p. 298)

<sup>18</sup> Evidente na expressão “*regem te potius quam reginam existiment*”.

<sup>19</sup> „*Opus est ut manum tuam mittas ad fortia et in muliere exhibeas virum [...] Opera haec opera sunt viri...*” Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 354, pp. 298)

<sup>20</sup> A afirmação aqui é propositadamente generalizante, pois não se intenta adentrar uma discussão ligada aos estudos de gênero. Antes se remete aqui a estudos ligados às mentalidades medievais. A respeito do papel do masculino e do feminino nas mentalidades medievais ver Duby (2001b); Duby (2001a); Duby (1988); Duby and Perrot (2012, vol. 2, Mittelalter)

<sup>21</sup> E. g. Bernhard, von Clairvaux (1957d-1977)

<sup>22</sup> „*Sed non sum,*» inquires, «*ad ista sufficiens. Magna enim haec sunt; supra vires meas, et supra scientiam meam. Opera haec opera sunt viri: ego autem mulier sum, corpore debilis, mobilis corde, nec provida consilio, nec assueta negotiis.*” Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 354, pp. 298)

<sup>23</sup> „*Siquidem cum nullum ferme fiat in orbe bonum, quod per manus quodammodo Romani cancellarii transire non habeat, ut vel vix bonum iudicetur, quod eius prius non fuerit examinatum iudicio, moderatum consilio, studio roboratum et confirmatum adiutorio; cui iustus erit quam ipsi deputandum, quidquid iustus in negotiis vel infectum, vel minus perfectum fuerit deprehensum, sicut et aequae omne quod invenietur utiliter atque laudabiliter consummatum?*“ Bernhard, von Clairvaux (1957c-1977, Ep. 311, pp. 241)

---

<sup>24</sup> Tema do mais famoso tratado de Bernardo, Bernhard, von Clairvaux (1957a-1977)

<sup>25</sup> “*Discant ergo principes orbis in summo positi omnium summum creatorem suum pre mente habendo moderantiam servare, ut iuxta Ciceronem, quanto maiores sunt, tanto se gerant summissius.*” Otto, von Freising (1912 (1997), pp. 15–16)

<sup>26</sup> O que se observa, por exemplo, nos escritos de Bernardo de Clairvaux, sobretudo seu Bernhard, von Clairvaux (1957e-1977). Uma posição contrária defende, contudo Bejczy em seu estudo sobre as virtudes cardeais. Segundo o autor “Augustinian charity even came to replace Gregory the Great’s humility as the Christian chief virtue in intellectual discourse, and achieved at least equal footing with humility in monastic literature.” Bejczy (2011, p. 70)

<sup>27</sup> “*Sic etiam temperans in prosperis, fortis in adversis, iustus in iudiciis, prudens et acutus in causis esse cognosceris, ut non solum ex convictu haec tecum coaluisse, sed tamquam divinitus inspirata et a Deo tibi ob universale totius orbis emolumentum concessa fuisse videantur.*” Otto, von Freising (1912 (1997), pp. 11–12)

<sup>28</sup> “*Optime enim a physicis fallaciam complexionum considerantibus dictum cognoscitur: Melius est ad summum quam in summo. Cum enim homo natus ad laborem, brevi vivens tempore, natura tamquam ex multis composita ad dissolutionem tendente, numquam in eodem statu manere valeat, si in summo fuerit, mox eum declinare oportebit. Cuius rei causa paulisper phylosophari liceat, etenim. Felix qui potuit rerum cognoscere causas.*” Otto, von Freising (1912 (1997), pp. 15–16)

<sup>29</sup> “*Anno ab incarnatione Domini XV<sup>o</sup> Augustus L<sup>o</sup>VIII<sup>o</sup> imperii sui anno vivendi finem fecit, eique Tyberius privignus eius in regnum successit. Hic moderatissime rem publicam gubernans nec cives intus iniuriavit nec foris bellorum tempestates movit. Quarto vero imperii eius anno, id est ab incarnatione Domini XVIII<sup>o</sup>, Germanicus Drusi filius, Galigulae pater, de Germanis triumphavit. In tantum autem tunc temporis humanus fertur fuisse Tyberius, ut, dum augenda tributa presides sua derent, responderit boni pastoris esse pecus tondere, non deglutire.*” Otto, von Freising (1912 (1984), III, 9, pp. 144)

<sup>30</sup> E. g. “*Cui Titus filius suus segregatis a numero principum Othone et Vitellio VIIIus ab Augusto succedit, vir omnium ante se principum moderatissimus, in tantum, ut Deliciae hominum vocaretur. Diem enim, in qua nil boni fecisset, perdidisse se dicere solebat. Huius diebus bella non fuere, Roma vero in pluribus sui partibus per se conflagravit incendio.*” Otto, von Freising (1912 (1984), III, 18, pp. 158)

<sup>31</sup> “*Ipse autem Tiberius plurima imperii sui parte cum magna et graui modestia reipublicae praefuit adeo ut quibusdam praesidibus augenda prouinciis tributa suadentibus scripserit «boni pastoris esse tondere pecus, non deglubere».*” Orosius (1990-91, VII, 4,4, pp. 23)

<sup>32</sup> Ver por exemplo Goetz (1984) e Goetz (2009)

<sup>33</sup> “*Omnes hii (monachi) ab omni misero mundi rotatu, de quo supra disputatum est, seclusi, post senarii laboris perfectionem in veri sabbati pace eternam quietem pregustando positi, nostrae enormitatis benigni et idonei intercessores, huius septimi operis terminus existant, nosque ad ea quae secuntur, quis scilicet finis civitati Dei maneat, quae perditio reprobam mundi civitatem expectet, dicenda precibus suis aptos efficiant. Amen.*” Otto, von Freising (1912 (1984), VII, 35, pp. 373-374)